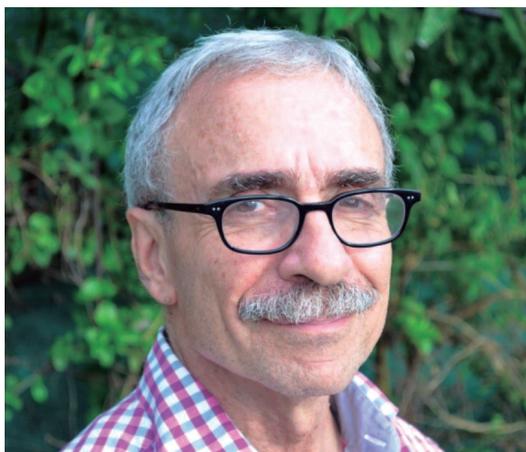


Entrevista com Neil Altman

Catarina Bray Pinheiro e Filipe Baptista-Bastos



Neil Altman é um psicoterapeuta que influenciou muitos de nós. O seu livro *"The Analyst in The Inner City"* é um clássico que surpreende aqueles que nunca trabalharam em clínica pública e acolhe todos aqueles que, trabalhando em serviços do Estado, se sentem, particularmente, sós e, muitas vezes, incompreendidos. Esperamos que um dia possa ser traduzido para português. A facilidade natural com que escreve sobre a teoria e técnica psicanalítica actual e clássica, relacionando-a com a vida dura da cidade e a vida difícil do psicoterapeuta, é incomum, como se pode ver no seu último livro *"White Privilege"*. Há anos que temos um seminário na Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Relacional da Associação de Psicanálise Relacional - PSIR dedicado ao *"The Analyst in The Inner City"*. Talvez sem saber, sentimos que Neil Altman é um de nós.

1. Ao ler o seu livro *"White Privilege"*, pensei no mundo descrito por Norman Mailer em *"Armies of The Night"* e no mundo de *"Falling Man"*, de Don De Lillo. Em que mundo nos encontramos agora?

Neil Altman: Foi curiosa a semelhança que encontrou. No meu livro, o que lhe fez recordar esses livros?

Filipe Baptista-Bastos: No livro "*White Privilege*" fez referência à "marcha" em Washington, ao discurso de Martin Luther King e fala do nosso mundo hoje. Lembrou-me o livro de Don De Lillo porque o livro descreve um mundo que estaria ao virar da esquina e nós, actualmente, não experimentamos esse mundo. Então pensei: o que pensa Neil Altman sobre isto? Sobre a guerra em particular.

Neil Altman: Quer saber o que penso sobre como o mundo mudou desde os anos 60, quando tudo parecia estar a mudar? Os meus livros foram publicados nas décadas de 1990 e 2000, mas a minha visão e sensibilidade formaram-se nos anos 60. Quando agora olho para trás, para os anos 60, penso que foi um breve momento utópico, que foi irrealista.

Estive em Brooklin e em Haight-Ashbury, em São Francisco, durante o Verão do Amor e parecia que o mundo mudara. Houve protestos contra a guerra do Vietname. Houve o movimento dos direitos civis. Aqueles de nós que eram jovens na altura pensaram que o mundo mudaria, mas não aconteceu. Nessa altura, ignorávamos o facto de que a maioria das pessoas se sentia excluída e alienada por aqueles dias; quando ignoramos as pessoas, elas encontram uma maneira de, mais cedo ou mais tarde, dar a conhecer a sua presença.

O que aconteceu recentemente nos EUA foi que Donald Trump falou para todas as pessoas que se sentiram alienadas na década de 1960 e que a viam como um movimento de apropriação arrogante do país, de uma forma que os excluía e marginalizava. Portanto, a raiva sentida agora na ala "direita" surge de eles sentirem que, durante tanto tempo, foram deixados de parte pela ala da "esquerda". Por isso, sentiram-se prontos para serem levados num movimento de vingança.

Mesmo naquela época, fui alienado pelo movimento anti-guerra. Diziam: "não confies em ninguém com mais de 30!"; e eu pensei que isso estava errado. Agora chamar-lhe-ia "clivagem". Não tinha uma palavra psicanalítica para isso na altura. Penso que os *hippies* e os activistas políticos estavam a marginalizar muitas pessoas, por isso, retrocedi dos movimentos políticos para um ponto de vista mais espiritual e odiei os *hippies*. O que não vi sobre os *hippies* foi que a maioria

deles eram crianças abusadas que fugiam de casa. Estamos a falar de "Flower Power" e "New Age", mas, na verdade, havia algo muito feio por trás disso que não era reconhecido. Mesmo assim, estava céptico quanto a esses movimentos. Acho que agora estamos a ver o outro lado.

Quando escrevi o meu último livro "*White Privilege*", o que pretendia mostrar era que estes movimentos de pessoas provêm de desprezo e de pessoas que se sentem excluídas do seu movimento. O meu livro era uma espécie de aviso e lembrete de que se falarmos com as pessoas e lhes dissermos que eles são, na verdade, racistas e eles precisam de ser antirracistas, eles vão opor-se a isso, o que seria contraproducente. Estamos a falar de pessoas brancas nos EUA, que não querem ser forçadas a sentir-se culpadas, embora, de certa forma, se sintam culpadas e preocupadas com o seu desrespeito por pessoas que desprezam as minorias étnicas e raciais. Mas não se fala com as pessoas fazendo-as sentirem-se más, porque não irão aceitar. Isso é algo que aprendemos com os kleinianos, que a culpa é muito difícil de tolerar. Por isso, a abordagem política que tenta fazer as pessoas sentirem-se culpadas vai ser contraproducente e alimentará a ala direita, alimenta os Trumpistas nos EUA. É assim que entendo o momento actual.

Politicamente, claro, não pretendo compreender, plenamente, o assunto e não faço ideia do que está a acontecer em Portugal neste momento.

Filipe Baptista-Bastos: Tem alguma ideia de como isso está a acontecer na Europa?

Neil Altman: Não sei. Não fui à Europa desde a pandemia, mas parece-me que quando Marine Le Pen ameaça Macron, em França, algo fundamental mudou também na Europa. Trata-se, basicamente, do mesmo problema que nos EUA. As pessoas sentem-se economicamente ameaçadas pelos emigrantes: sempre tivemos diversidade nos EUA, mas na Europa não. Penso que as pessoas que se sentem feridas e ameaçadas pela emigração na Europa têm de ser ouvidas, mesmo que possam ser racistas. Não se abordam as suas preocupações simplesmente chamando-os de racistas.

2. No seu livro "*White Privilege*" diz que a verdadeira culpa, o oposto de culpabilidade, é importante para a mudança e que nos EUA quase não há

reconhecimento do genocídio dos nativos americanos. Em Portugal, também tendemos a negar a violência da colonização e da escravatura. Vários autores falam de um racismo diário, em que o que foi negado ressurgiu, uma espécie de *enactment* colectivo, à espera de ser significado. Por isso, o desafio é reconhecer o nosso racismo inconsciente. Que papel pode a psicanálise desempenhar neste movimento transformador?

Neil Altman: A ideia de *enactment*, que temos da psicoterapia de um para um, é uma ideia muito útil quando se olha para os movimentos políticos. Quando há pessoas que tentam abordar a política de exclusão, a primeira coisa que acontece é que se exclui a “direita”. É *enactment* e isso não deve ser uma base para desqualificar o movimento antirracista, dizendo que é tão exclusivo como as pessoas que estão a tentar mudar. Claro que quando se tenta resolver um processo de exclusão a primeira coisa que se faz é excluir alguém. Penso que é muito importante reconhecer isso e é algo que a psicanálise nos ensina: quando tentamos resolver um problema, a primeira coisa que se faz é reproduzi-lo. Tornamo-nos naquele que está a excluir os outros. Isso é muito decepcionante, mas, simultaneamente, também nos dá uma forma de nos juntarmos às pessoas com quem estamos a tentar falar e dizer: "todos excluímos outras pessoas". Todos criamos outros. Todos nós somos outros. Temos de começar por nos unir para resolver o problema em nós mesmos. Cada um de nós. Não será resolvido na nossa geração. Durará séculos.

Por exemplo, as pessoas falam de anticolonialismo, pós-colonialismo e assim por diante, enquanto continuam modos de vida que perpetuam o colonialismo. As pessoas aqui estão a falar de alterações climáticas e de exploração do solo global, enquanto conduzimos os nossos carros e queremos uma tecnologia que dependa de minerais provenientes de África. Portanto, o problema é nosso. Não é de outro grupo de pessoas más. Penso que este é o primeiro passo, mas é muito difícil fazê-lo, porque as pessoas tiveram dificuldade em aceitar a culpa. Por isso, queremos projectar a culpa em outra pessoa e continuamos a fazê-lo. Temos de começar por esse tipo de reconhecimento e depois descobrir como lidar com isso.

Não sei qual é o caminho a seguir, mas sei que tentar fazer as pessoas sentirem-se culpadas vai sempre dar errado. Se o fizermos, as pessoas encontrarão uma maneira de dizer que somos nós quem está a causar todos estes problemas.

A situação de Portugal, em particular, não sei. Já estive em Portugal duas vezes ou três vezes e uma coisa de que me lembro, nos anos 60 e 70, é que havia mapas do mundo em Lisboa que mostravam um pequeno Portugal e um império enorme: sobretudo o Brasil, que era muitas vezes o tamanho de Portugal, e depois todas as colónias africanas que Portugal tinha. Era uma questão de orgulho que a colonização lá estivesse e a ideia era que a Europa, em geral, incluindo Portugal, acreditasse que traziam a civilização para o resto do mundo. Só, recentemente, nas últimas décadas, devido à influência de Frantz Fanon, nos foi mostrada a violência psicológica que se provocou com a colonização.

Qual é o próximo passo? Agora há tantas pessoas zangadas no mundo: na maior parte das vezes, estão a infligir violência umas às outras. Por exemplo, qual é a reacção em Portugal a Jair Bolsonaro no Brasil? Porque é que as pessoas o apoiam? Temos de levar a sério que a história do colonialismo no Brasil é uma parte importante, porque Bolsonaro é capaz de tomar o poder lá.

3. Melanie Klein foi acusada de frieza e, de certa forma, até de falta de humanidade. Porquê Klein? Porque a cita tanto nos seus livros?

Neil Altman: Klein é uma contradição pela sua maneira de trabalhar. Nunca quereria fazer uma análise com a Melanie Klein. Porque ela era tão arrogante. Quando se lê uma análise kleiniana, o analista faz as interpretações e o paciente tem de concordar e se o paciente não concordar, isso é resistência. É a técnica mais autoritária. Isso está a mudar, mais recentemente, com alguns kleinianos italianos que são menos autoritários.

O que aprecio em Klein é que ela pôs o foco na ansiedade depressiva. Ansiedade que tem a ver com aceitar a culpa. Penso que é uma ideia extremamente importante. E, também, o papel da "clivagem" a nível individual e social, a nível político. Acho que são ideias indispensáveis. Não posso dizer que Klein é um anjo ou um demónio. Este ponto de vista é muito complicado e tem aspectos negativos e também aspectos positivos. Se pensarmos que Klein é apenas negativa, estamos a reagir com a nossa própria versão de "clivagem".

Bob Dylan disse: "*You take what you need and you leave the rest*" [tiras o que precisas e deixas o resto]. É assim que me sinto pelos kleinianos.

Apesar de discordar da sua técnica e de a achar muito autoritária, há uma espécie de rigor na forma como ela pensa o significado do que as pessoas disseram. Pode-se discordar daquilo que concluem, mas é muito rigoroso. Os kleinianos têm estado na vanguarda das pessoas que se dirigiram a pacientes marginalizados, tal como o *“Journal of Child Psychotherapy”* em Inglaterra tem os melhores artigos sobre trabalhar com famílias e crianças economicamente empobrecidas.

Se me perguntarem: os kleinianos estão a ter uma boa influência ou uma má influência? Vou dizer: Sim.

4. Com o actual modelo de gestão, o NHS [SNS Norte Americano] experimenta a redução de uma prática clínica relacional. Com as nossas mentes colonizadas pelas exigências do "mercado", torna-se muito difícil a já difícil tarefa de pensar. Na sua opinião, porque é que as instituições de saúde, compostas por pessoas com longas formações, se tornam tão resistentes aos espaços de reflexão? Como podemos trabalhar na receptividade da instituição?

Neil Altman: Penso que países europeus, como Portugal, estão muito à frente dos EUA. O sistema de saúde nos EUA é quase, inteiramente, uma situação de mercado livre e mostra que os mercados livres não produzem compaixão, produzem brutalidade. Os sistemas nacionais de saúde nos países europeus, na sua maioria, eram produtos de culturas bastante homogéneas, onde as pessoas se identificam com a maioria dos seus concidadãos.

Nos EUA, com a sua história de escravatura no próprio país, uma longa história de segregação e uma história de exclusão de uma percentagem da população, não é de estranhar que os serviços de saúde estivessem menos disponíveis para pessoas de cor.

À medida que a emigração atinge os países europeus, penso que também se vê mais exclusão de pessoas de cor na Europa. Penso que temos de compreender porque é que as pessoas em França se sentirão atraídas por Marine LePen, não para a condenar apenas porque há desumanidade e arrogância para com os nossos emigrantes, mas também para abordar quais são as suas preocupações. Não é apenas através do aumento dos impostos sobre algumas pessoas para prestar serviços a outras pessoas. Existem problemas reais que têm de ser

resolvidos de forma colaborativa, criando uma comunidade a partir da sociedade em que vivemos.

Os mercados livres são um exemplo clássico de uma técnica para evitar a culpa. Se a ganância produz culpa, como crueldade, e depois se desenvolve um sistema onde é uma virtude ser um consumidor, então não existe razão para se sentir culpado por isso. Uma abordagem do mercado livre dos cuidados de saúde significa que aqueles que têm recursos vão ter um bom serviço de saúde e aqueles que não têm recursos não vão conseguir ter. É por isso que há tanta injustiça no tratamento à Covid-19, os ricos recebem tratamento e os pobres não. Isto aplica-se ao nível das nações.

Os Estados Unidos têm acesso a muito mais vacinas do que a África. Mostra que, quando algumas partes do mundo são privadas de vacinação, todos sofrem. Mas isso significa que as pessoas nos países ricos vão cooperar com as pessoas dos países pobres para garantir que todos recebem vacinas? Não. Não acontece, as pessoas não estão habituadas a pensar assim. Mas quando perceberem que os países ricos estão em conluio com os esforços para arrecadar vacinas para si próprios, isso produzirá culpa que as pessoas não aceitarão.

O sistema de mercado livre, juntamente com a pandemia Covid-19, veio demonstrar que estamos todos no mesmo barco, mas as pessoas não querem aceitar isso, porque faz com que se sintam culpadas. Faria com que se sentissem culpadas se se apercebessem de quantas pessoas sofrem com a falta de cuidados de saúde.

Não estamos a falar, explicitamente, de psicanálise, mas, de uma certa forma, estamos, porque estamos a falar de “clivagem”, de culpa, e estamos a falar a nível social que, penso eu, espelha o que acontece a nível pessoal.

5. A questão do poder é essencial numa sessão de psicoterapia, como podemos estabelecer relações democráticas em psicoterapia?

Neil Altman: Existe um paradoxo na sua pergunta. Como podemos estabelecer relações igualitárias na terapia? Não podemos fazer isso. Isso tem de ser feito.

Filipe Baptista-Bastos: Nós com os nossos “pacientes”. Com as pessoas que fazem terapia connosco.

Neil Altman: Se sentimos que sabemos o que é melhor, que uma configuração democrática na relação terapêutica é melhor do que o autoritarismo kleiniano, digamos, não estamos a ser autoritários à nossa maneira?

Filipe Baptista-Bastos: Como podemos fazê-lo?

Neil Altman: Tentamos ser democráticos e acabamos por ser autoritários! Isto chama-se *enactment*.

Filipe Baptista-Bastos: Não há saída?

Neil Altman: Não! Isso não é verdade porque todos os *enactments* fazem-nos sentir que não existe saída. A primeira coisa que acontece é que tentamos resolver um problema e depois tornamo-nos o problema. Algumas pessoas dirão que não há saída, mas essa é a questão numa psicanálise relacional. Temos de começar com a sensação de que não há saída e depois tornamo-nos criativos. Muitas vezes, a saída é dizer: estou a perpetuar este problema consigo. Como chegámos aqui? Como chegámos ao ponto de perpetuar o problema entre nós? Estou a tentar ser democrático, mas estou a forçar-me a ser democrático consigo. É um *enactment*.

Penso que a sensação de que não existe saída, foi o que Stephen Mitchell pensou quando falou em “*pulling your self by your boot straps*”. Ninguém pode fazê-lo, porque quando tentamos puxar, caímos. Não há saída. É quando começamos a ser criativos.

Temos de reflectir sobre a nossa própria participação. É a saída. E tentamos fazer com que o paciente trabalhe connosco, para perceber como chegámos a esta situação em que não há saída.

Na Ucrânia, não compreendo todas as influências nessa situação, mas uma coisa que acho que posso observar é que as pessoas na Europa Ocidental não entenderam que a dissolução da União Soviética se sentiria como uma ferida narcísica para as pessoas na Rússia. Foi um ponto cego. Quando os EUA e a Europa Ocidental tentam expandir a NATO para Leste, aproximando-se da Rússia, então a Rússia sente-se ameaçada, zangada e torna-se agressiva em relação a isso. Houve uma empatia fracassada por parte dos EUA e da Europa Ocidental, o que acontece também a nível individual.

Se enviarmos empregos para o estrangeiro; se contratarmos pessoas no hemisfério sul; se tirarmos empregos às pessoas do seu próprio país e contratarmos pessoas do Vietname ou da Índia para o fazerem por salários mais baratos, então os trabalhadores ficarão zangados com isso. De onde veio toda esta raiva? Vem do ponto cego que todos temos. Não queremos ver o que estamos a fazer que deixa as outras pessoas zangadas.

Perpetuar o problema quando se está a tentar resolvê-lo é o que a Jessica Benjamin aborda com a ideia do “terceiro”. Não há saída numa situação diádica. Duas pessoas que se metem numa confusão, precisam de uma terceira pessoa para entrar com um ponto de vista diferente.

Uma das coisas que Winnicott escreveu que é valiosa para mim é que: *“when you said you felt hopeless that was the first time I felt hope”* [quando disseste que te sentias sem esperança, foi a primeira vez que senti esperança]. A sensação de que não há saída. Primeiro, reconheces que não há saída e depois talvez haja uma saída.

Filipe Baptista-Bastos: De certa forma, estava a pensar que a neurose de transferência terá sempre de acontecer.

Neil Altman: Sim. Era parte do génio do Freud. Quando percebeu que o que à primeira vista parece ser um problema terrível é, na verdade, a forma de curar. Encontrar a saída através desse problema. As neuroses de transferência têm de acontecer.

(Filipe desculpa-se, interrompe, porque a bateria do computador portátil está a ficar descarregada e tem de ligar o carregador à corrente.)

Falou na “bateria” e isso faz-me pensar no “poder”. O “poder” é uma das coisas sobre as quais escrevi no meu último livro. Quando dizemos “poder”, queremos dizer violência, mas violência não é poder. Pode ver-se o que está a acontecer com a Rússia. Pensavam que tinham poder porque têm bombas. Os EUA pensavam que tinham poder no Vietname porque tinham bombas. E o poder das pessoas que não têm bombas, mas que se preocupam com aquilo por que lutam? Os soldados russos, muitos deles são mercenários, estão a lutar por dinheiro. Os ucranianos estão a lutar pelas suas casas. As pessoas que lutam pelas suas casas derrotam as pessoas que lutam por dinheiro. Isso não me surpreende. Então, onde está o poder?

Achamos, na relação psicanalítica, que o analista tem poder. O analista pode sentir que ele ou ela tem de saber a interpretação certa, como "temos o conhecimento, por isso temos o poder". Mas, de certa forma, se pensarmos que temos de ter conhecimento, perdemos o nosso poder, porque ninguém tem conhecimento. "Sei melhor do teu problema do que tu." Isso tira o poder ao analista e ao paciente.

6. O sofrimento psíquico tende a ser experimentado como um problema médico. A sociedade moderna consome a fantasia da "saúde imediata". Esta procura de invulnerabilidade está relacionada com o aumento da procura de outras abordagens (psicofarmacologia, terapia cognitivo-comportamental, entre outras)?

Neil Altman: Sim. As pessoas sentem-se atraídas por abordagens médicas para o sofrimento, porque não querem reconhecer que o sofrimento faz parte da vida. Cria o paradoxo de que tentar eliminar o sofrimento cria mais sofrimento.

Emmanuel Ghent abordou esta questão no seu artigo chamado "*Paradox and Process*", onde mostrou que um aparente paradoxo, como este, requer uma atenção para um processo que é como o que Jessica Benjamin referiu como um "terceiro". Tentar eliminar o sofrimento cria mais sofrimento. Então existe Bion. Temos de reconhecer que Bion foi produzido pelo ponto de vista kleiniano. Ele focou-se na capacidade de suportar sofrimento ou naquilo que fazemos para negar o sofrimento. Num contexto médico chamamos-lhe psicopatologia e o melhor exemplo que posso oferecer disso a nível social é a escrita de James Baldwin sobre a cultura dos brancos nos EUA, como base de uma negação da realidade. Qual é a realidade? A realidade é sofrimento. É mortalidade, é morte. É o facto de que nós todos morremos. Se não podemos ligar-nos a este tipo de sofrimento, então acabamos por tentar a onipotência. Tentar ser onipotente irá produzir mais sofrimento.

7. Como diz, existe uma divisão entre os sectores público e privado. Seria um psicanalista diferente se não tivesse trabalhado no sector público? E de que forma?

Neil Altman: Não posso responder a essa pergunta porque para mim não trabalhar no sector público não era uma opção. Não é quem eu sou. Só fiz isso

porque sou assim. Onde quer que eu esteja como psicanalista está totalmente ligado ao facto de eu ter trabalhado no sector público. Porque não posso aceitar a desigualdade. Foi essa a sensibilidade que tive que me fez notar que a palavra privilégio é sobre privilégio económico e político, mas não o privilégio de ter empatia. Por que não é tal chamado de privilégio?

James Baldwin disse que, se um branco está em apuros, fará muito melhor em bater à porta de um negro do que de um branco, porque os negros têm mais empatia. A sua cultura não é dedicada à negação do sofrimento.

É disso que gosto na psicanálise. Dá espaço para o sofrimento. Especialmente Bion. É por isso que não posso rejeitar Klein, porque sinto que Klein, com todos os problemas do seu ponto de vista, compreende o sofrimento. Todas as formas de psicanálise prestam atenção ao que as pessoas fazem para negar o sofrimento. Chama-se "mecanismo de defesa". É o que valorizo na psicanálise.

A primeira coisa que fazemos quando nos tornamos psicanalistas é tentar evitar o sofrimento de uma forma diferente, mas pelo menos temos as ferramentas para reconhecer isso.

Sou judeu e às vezes pergunto-me porquê, nas igrejas cristãs, os cristãos estão tão ligados a Jesus na cruz? É uma lembrança do sofrimento. Por exemplo, os portugueses coloniais pensavam que se tivessem um império, suficientemente grande, não teriam de sofrer.

Outro exemplo é o das armas nucleares, uma fantasia de que ter um meio para exercer violência nos permitirá lidar com o sofrimento. Se tivermos a capacidade de destruir o mundo inteiro, talvez não soframos. É uma loucura, mas é o que fazemos.

Filipe Baptista-Bastos: Como Michael Eigen diz: destruímos partes de nós mesmos para sobreviver.

Neil Altman: Sim. Também para Michael Eigen é tudo uma questão de sofrimento. Se tivermos meios ilimitados de destruição, podemos sobreviver. Talvez a ideia seja que estamos a tentar destruir alguma coisa, mas o objectivo é sobreviver. É como a ideia de Emmanuel Ghent, quando distingue entre submissão e rendição. Submissão é um processo destrutivo, mas a rendição é direccionada para a sobrevivência de um verdadeiro *self*.

Filipe Baptista-Bastos: É como a posição depressiva de Klein: de alguma forma aceito as coisas como são. Eu rendo-me e tento criar coisas novas.

Neil Altman: Sim, a posição depressiva significa que aceitamos o sofrimento e a culpa como elas são. É um bom argumento. Os seres humanos têm tentado esta ideia ao longo de milénios. É como o ponto de vista de Buda de que o sofrimento é um projecto de não aceitar a transiência. É o mesmo ponto que James Baldwin fez de que a cultura branca é construída sobre uma fantasia de onnipotência e imortalidade. É o mesmo ponto que Buda fez há 2500 anos na Índia. As pessoas não ouvem, ouvem e não ouvem. As pessoas têm o seu Jesus numa cruz nas suas igrejas como símbolo de sofrimento e saem da igreja e tentam viver uma vida sem sofrimento.

Catarina Bray Pinheiro: É muito difícil manter vivas estas percepções.

Neil Altman: Sim. Para todos nós.

Filipe Baptista-Bastos: Quando diz que as pessoas não ouvem, pensei no “retorno do recalçado”.

Neil Altman: Devíamos ter o “retorno do dissociado”. Coisas que sabemos e não sabemos.

8. Há algo que perguntamos entre colegas de profissão: o que tem encontrado ultimamente na clínica?

Neil Altman: O que estou a encontrar agora? Acho que muda à medida que envelhecemos. Agora que tenho 76 anos, tenho experiências diferentes na clínica de quando tinha 35, 40, 50 anos. Um grupo de pacientes está a envelhecer. Quando tinha 35 anos, não me apercebi de que as pessoas envelheciam. É um tipo de perspectiva que se tem quando se envelhece.

Agora tenho alguns pacientes que, também, têm 65 anos, 70 anos, e a geração atrás de nós, os nossos parentes e avós, estavam prontos para morrer nessa idade. Agora as pessoas estão a viver mais tempo. Nos EUA e na Europa Ocidental as pessoas vivem até aos 90 anos.

Aqui estou eu com 76, tenho pacientes que têm 75 e que podem ter mais 20 anos de vida. Cria novos problemas e novas oportunidades. Vai mudar-se para a Florida e jogar golfe durante 20 anos? Vai reformar-se e parar de trabalhar?

Outros problemas que vejo numa clínica, diariamente, são pessoas que não sabem o que fazer com as suas vidas. Pensaram que tinham de desistir quando fizessem 65 anos e depois apercebem-se de que ainda têm uma vida. O que fazer com isto? Não vi isso em mim mesmo. Temos relações, temos o nosso trajecto profissional, temos problemas nesse trajecto, temos problemas na nossa relação, mas não nos perguntamos, no fim, o que torna a vida significativa. É um tipo de problema existencial que vejo agora.

Também tenho alguns pacientes mais novos e acho que trabalho de forma diferente com eles porque, na minha mente, estou a pensar com o que é que esta pessoa, realmente, se importa? Posso pedir-lhes que pensem comigo sobre aquilo que acham com que se devem importar.

Não quero falar de pacientes específicos por razões de confidencialidade, mas tenho pacientes com 20 anos que não pensam em que tipo de vida querem ter e como estão preparados para isso. Estou a ter outra perspectiva nestes dias, diferente da que costumava ter. Penso que a pandemia criou uma crise de significado para todos. De repente, os privilégios que criamos para nós mesmos podem desaparecer rapidamente. Faz as pessoas pensarem sobre o que realmente importa na vida.

Filipe Baptista-Bastos: Essa é uma questão que ficou na mente das pessoas ou é algo do momento?

Neil Altman: Se eu acho que vai voltar ao normal? Não sei. Acho que não é possível. As pessoas têm de se adaptar a isso. Continuamos a pensar que agora temos vacinas, para podermos tirar as máscaras. Isso pode funcionar, por uma geração, duas gerações, talvez um ano, talvez uma semana até que a próxima mutação chegue. Se não usarmos máscaras, o vírus sofre mutações rápidas e desenvolve-se um novo vírus, para o qual não há vacina. As precauções são importantes. Num país rico podemos ser vacinados, mas num país pobre sem vacinas estão a produzir-se mais mutações que não ficam no país pobre. Não é sustentável. Tentar voltar ao normal não é possível a longo prazo.

9. Qual é o futuro próximo da Psicanálise? Em geral e em instituições?

Neil Altman: Envolve-me com a psicanálise comunitária, tomando a consciência do que ganhamos com a psicanálise sobre o sofrimento, ansiedade, depressão

e os problemas que criamos para nós mesmos ao tentar evitá-los. Podemos aplicá-lo à comunidade fora das salas de consulta. Penso que o futuro terá a ver com isso, se conseguirmos criar um lugar para a psicanálise no mundo, ela sobreviverá e contribuirá. Estou optimista.

Há movimentos em todo o mundo que estão a tentar aplicar um ponto de vista psicanalítico no mundo.